

LIVRO DAS
travessuras
contadas pelo 5º ano

organização:
Steferson Zanoni Roseiro

© Steferson Zanoni Roseiro - 2023

Editoração e capa: Steferson Zanoni Roseiro

Imagem da capa: Steferson Zanoni Roseiro, Stefany Zanoni Roseiro, com os desenhos elaborados pelas crianças autoras do livro

Revisão: Steferson Zanoni Roseiro

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben

Linha Cordilheira - SC-163

89896-000 Itapiranga/SC

Tel: (49) 3678 7254

editoraschreiben@gmail.com

www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L788 Livro das travessuras contadas pelo 5º ano. / Organizador :
Steferson Zanoni Roseiro. – Itapiranga : Schreiben, 2023.
52 p. : il. ; e-book.

E-book no formato PDF.

EISBN: 978-65-5440-190-6

DOI: 10.29327/5330022

1. Literatura infantojuvenil. I. Título. II. Roseiro, Steferson Zanoni.

CDU 82-93

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

Agradecimentos

Às crianças, porque elas são incríveis!

À Ana Lúcia, Josmália e Ingrid, que há anos vêm apoiado meu trabalho em sala de aula, seja lá qual maluquice eu proponho.

À Ingrid (novamente), por ter sugerido: "Por que você não faz um livro com esses trabalhos que você faz com as crianças?".

À Gema, que apoiou a ideia e já até orquestrou um tanto comigo!
A todas as minhas colegas de trabalho do "Hilário" (professoras, pedagogas, coordenadoras, "tias" da limpeza, merendeiras, porteiras, secretárias). Apesar de tanta briga, fazemos mais que o possível!

À Enilza, que adorava contar um monte de causos...

Às famílias das crianças por esse voto de confiança.

À minha família por ter me apoiado como sempre.

À editora por mais uma parceria e tão bom atendimento.

Por fim, a todas às professoras que estão em escolas. Espero que esse livro, quando parar em suas mãos, seja um lembrete que tudo o que fazemos é muito mais do que a gente dá conta de falar.

Acreditemos em nosso trabalho, por favor.



Que as crianças de hoje sejam as melhores pessoas que o mundo
pode encontrar.

Sumário

Convite às travessuras!.....	9
A menina pimenta	14
Beatriz Soares de Andrade	
A pedra no carro.....	16
Erik Reis da Silva	
O formigueiro	17
Nicole de Jesus Moraes	
O cachorro fugiu.....	19
Estefany Juliani Coutinho	
Um umbigo saboroso	21
Luara Victor Duarte	
O chinelo voador 1	22
Kayo Floriano Farias	
O chinelo voador 2	24
Murillo de Amorim Oliveira	

A história do café	25
Mikaeli Lopes Freire	
A pedra no cachorro	27
Enzo Raphael Alves Carolino	
chutei a bola no carro	29
Ivo de Souza Ricarte	
Eu não tenho dinheiro!!!	31
Katlen Sophia Santos de Oliveira	
A queda da bicicleta.....	32
Rayssa Vitória Herpes Mota	
Tranquei minha irmã no banheiro	34
Isadora Vitória Ferreira Batista	
Dia de salão	35
Luara Vitória Ferreira Batista	
Briga de primos.....	36
Thallysson Santos Nascimento	
Queimei a janta!	37
Maria Lyara Camilo Rodrigues	
Quase matei meu irmão!.....	39
Pedro Oliveira Lemos	

Comi a lembrancinha da minha irmã.....	41
Kaiqui Ribeiro da Silva	
O dia que eu briguei.....	42
Kauã de Almeida Lopes	
O videogame é meu!.....	43
Steferson Zanoni Roseiro	
Eu sou um anjo.....	45
Luiz Carlos Davi Colona de Assis	
Eu não vi ele subindo!.....	46
Cleandra Souza da Silva Santos	
O recreio maldito.....	47
João Pedro da Silva Góis	
Eu matei 3 peixes.....	48
Crislayne Pereira Santos Guimarães	
Uma carta para o futuro.....	50

Convite às travessuras!

Quem nunca fez uma travessura ou outra e depois, quando ia tomar um puxão de orelha, alegou legítima defesa, clamou por inocência ou colocou-se no lugar de injustiçado? Quem nunca, quem nunca?

Eu – assim como todos as malandrinhas e os malandrinhos desse livro – jamais cometi tal sacrilégio! Somos inocentes da causa! Somos inocentes e podemos provar!

“O livro das travessuras contadas pelo 5º ano” é um livro que começa com um convite ao confessionário, mas sem jamais assumirmos a culpa porque somos inocentes. É um livro que nasce do encontro entre uma turma de 5º ano de uma escola pública e um livro que começa por alegar a culpa inocentada. “A mulher que matou os peixes infelizmente sou eu”. Assim começa Clarice Lispector em sua obra *A mulher que matou os peixes*. Um livro para falar de um crime nefasto – a morte dos peixinhos vermelhos! – acaba se mostrando

uma história cheia doutras histórias de um tanto de animais, de um tanto de alegrias e tristeza em torno da vida.

E o que temos nós com isso?

Tudo!

O livro *A mulher que matou os peixes* foi lido em uma escola de periferia no município de Cariacica, Espírito Santo. Uma escola cercada de um tanto de animais. Como disse uma das crianças durante a gravação de um vídeo para falar do bairro: “Parece até um zoológico!”.

E o bairro é realmente cheio de um tanto de animais silvestres ou domésticos que escapem de seus cativeiros. E não falamos apenas de cachorros ou gatos! Mas um tanto de galinhas, de cavalos, de vacas, de porcos e de cabritos cruzam as ruas do bairro perto da escola. Além do sem número de saguis, de gambás, de cobras e outros bichos que aparecem nas proximidades. Há até a lenda de um aluno da escola que, há uns anos atrás, tinha um javali como bicho de estimação!

Seja como for, a história de Clarice é cheia de vida, de vida na sua forma mais simples. E justarem por estarmos vivos é que também cometemos erros!

“Ela está tentando provar sua inocência!”, grita uma criança enquanto líamos juntos.

Clarice, que logo de início anuncia seu crime, aparece então como réu diante do julgamento. Sua história é uma

confissão. Mas não uma confissão de seus pecados ou de seus erros, de sua culpa a ser punida. Antes, a confissão dela é de uma inocência daquela típica de crianças! “Por que morreram os peixinhos? Porque me esqueci deles!”, ela poderia dizer.

E quem nunca errou algo na vida?

Pois nós erramos e é muito!

Após a leitura do livro, a turma do 5º ano B da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Hilário Vieira da Silva” optou por produzir uma narrativa de seus próprios erros, mas, tal qual Clarice, buscando provar nossa inocência ou, pelo menos, mostrar que também nós fôramos injustiçados!

É nesse contexto que organizamos esse livro, nada mais do que um trabalho de sala de aula que ganhou uma pequena dimensão a mais. Temos aqui um pequeno material produzido com as histórias de crianças, com suas andanças na vida e suas tentativas de dar a essas histórias corpo o suficiente para surgir uma estética literária. Evidentemente, todas as histórias foram contadas pelas crianças e foram escritas em um primeiro momento unicamente por cada uma delas. Todavia, optamos por depois reescrever um pouco todas elas coletivamente para fazer as devidas correções e pequenos ajustes nas narrativas.

Pedimos agora que se sente confortavelmente em algum lugar. Não muito confortável porque são travessuras, né? Pode ser que tenhamos pregado alguma peça onde vai se sentar e você nem sabe!

[Insira aqui uma risada maléfica].

Viu como funciona?

Está aberta a temporada de travessuras!





A menina pimenta

Beatriz Soares de Andrade

Eu confesso que aquela menina que botou pimenta no café da própria tia sou eu. Mas eu juro do fundo do meu coração que foi sem querer!

Na época eu tinha 3 anos.

Eu ficava vendo Galinha Pintadinha com meus pais. Ficava repetindo toda hora! Eu era a menininha do meu pai. Sabe aquela cena do Simba sendo levantado no início do filme de “O Rei Leão”? Meu pai já fez isso comigo!

Foi até essa mesma tia que colocou os dedos na minha cabeça com um pouco de maquiagem para fazer a marquinha do Simba.

Viu? Eu gosto muito dessa minha tia! O dia da pimenta era para ser uma brincadeira!

Eu estava na cozinha com meu pai e minha avó.

Minha avó estava fazendo café para minha tia. De repente a minha tia chegou para pegar o café dela, mas daí o telefone tocou e ela foi atender. Meu pai teve a brilhante ideia de fazer essa brincadeira com ela e me incentivou a ajudar ele. E eu, na inocência, aceitei. Botamos a pimenta no café e ela veio logo em seguida. Pegou o café e bebeu normalmente. Quando sentiu a pimenta, ficou em pânico! E depois ficou rindo quando descobriu que era eu.

Você acharia isso uma brincadeira? Ou ia ficar brava comigo?



A pedra no carro

Erik Reis da Silva

Eu estava dentro de casa deitado no sofá e minha mãe me lembrou de guardar a minha calopsita. Mas onde eu guardo é no banheiro, só que meu tio estava lá. Aí eu esperei ele sair, mas ele demorou muito. Nisso eu vi um rato na área aberta lá de casa. Eu peguei uma pedra grande e taquei no rato, mas ele se escondeu. A pedra bateu no chão e quicou, bateu num pau e depois voou num carro que estava parado. Aí eu saí correndo para dentro de casa. Só que um tempo depois eu me senti culpado e saí para ver se o carro estava lá ainda, mas ele já tinha saído. Eu entrei e comi e dormi com medo do dono vir aquela noite. Eu não fiz de propósito, sabe? É porque eu acho rato nojento. Eu tentei matar ele, mas não deu. A pedra bateu no carro, mas foi sem querer. Eu fiquei com medo, é por isso que eu saí correndo, igual rato. Acho que ele também estava com medo de mim. Será que eu sou culpado?



O formigueiro

Nicole de Jesus Moraes

Eu confesso que a pessoa que jogou um monte de formigas embaixo do colchão do meu tio sou eu. Foi sem querer... mas ele mereceu!

Esse meu tio morava na roça e eu gostava muito de ir lá. Eu gostava de ir lá porque eu andava de cavalo com ele. A gente fazia piquenique no pasto, a gente fazia guerra de travesseiro e às vezes a gente dormia sem tomar banho! A gente dormia na palha! Era muito divertido!

Viu? Eu não sou uma má pessoa.

Naquela vez, ele estava no banheiro e mandou eu ir na venda comprar cigarro. Mas naquela época eu tinha 6 anos e a mãe do meu tio disse que ele não podia beber e nem fumar.

Eu fui à venda e cheguei na casa dele e ele disse: “Bota o cigarro embaixo do colchão”. Mas ele nem viu o cigarro, pois eu não tinha comprado. Eu fui lá e peguei formigas no



formigueiro e joguei embaixo do colchão. Logo após, ele deitou no colchão e eu só ouvi os gritos dele. E ele gritou: “NICOLE, O QUE É ISSO?”. Aí eu virei para ele e disse: “Isso é para você aprender a não fumar mais”. E dia após dia, ele parou de fumar e beber.

E aí, você acha que eu sou uma má pessoa? Eu posso ser chata, mas burra de deixar o meu tio morrer por causa de pouca coisa eu não sou!



O cachorro fugiu

Estefany Juliani Coutinho

Sim, eu bati no meu cachorro. Mas eu não sou tão ruim assim. Eu e minha família adotamos ele na rua, alimentamos ele e demos água e também um nome. Ele brinca comigo todo dia! Ele fica me mordendo! Eu estou com um monte de arranhão no braço por causa das brincadeiras, mas enfim! Naquela vez, eu e uma amiga estávamos brincando com ele no quintal até que ela decidiu correr dele e eu fui junto. Ele correu atrás da gente brincando. E na minha casa tem uma horta. A minha amiga subiu lá e ele foi atrás. Só que lá tem uma vassoura e ele tem medo vassoura. Minha amiga pegou a vassoura e gritou: “VASSOOOOOURA!!!” e saiu correndo atrás dele. Ele correu para o mato e fugiu. Só que nessa hora a gente não sabia. A gente achou que ele iria voltar. Passou um tempo e nada. Aí eu e minha amiga vimos ele na rua, então corremos atrás dele. Ele correu muito da gente, até que eu peguei ele.

Foi difícil, mas aí a gente chegou em casa e minha amiga falou: “Bate nele! Bate, vai!”. Eu falei “não”, só que ela pegou minha mão e bateu nele. Viu? Quem é o vilão da história? Eu ou minha amiga?



Um umbigo saboroso

Luara Victor Duarte

Era um dia lindo. Eu estava com fome e eu sem querer mordi o umbigo da minha prima. A minha mãe ouviu o choro da minha prima. A minha mãe me bateu, me deu tantas chineladas que o meu bumbum ficou com a marca do chinelo e eu também chorei. O meu pai brigou com a minha mãe e minha mãe saiu de casa para esfriar a cabeça dela. Depois, meu pai deu um presente para mim e minha prima. Nós fomos brincar, eu e minha prima, só que o presente dela quebrou. Ela me bateu porque fui eu que quebrei o presente dela, mas juro que foi sem querer. Eu pedi desculpas, mas ela não aceitou. Mas agora eu e ela estamos bem. Te amo prima linda! Essa foi a minha história. Até hoje, eu não sei porque eu mordi o umbigo dela. E não foi gostoso!



O chinelo voador 1

Kayo Floriano Farias

Eu confesso que aquele menino que taca o chinelo na casa do vizinho sou eu. A gente é bom amigo. Sempre que dava, nós brincávamos, mas sempre à noite, porque a gente só podia se encontrar à noite. Em um dia, nós fomos brincar na rua, aí a gente brincou de pique-boia, pique-esconde, polícia e ladrão. E eram essas brincadeiras. Às vezes, a gente até inventava as nossas brincadeiras. Em um belo dia de noite, nós fomos brincar. Brincamos de futebol, pique-boia e várias outras brincadeiras, até que nós enjoamos de todas as brincadeiras e tivemos a brilhante ideia de começar a brincadeira de tacar o chinelo um do outro. Aí ficamos tacando, e tacando, e tacando até que a merda aconteceu. Eu taquei o chinelo dele na casa do vizinho. E pior! Não dava para pular lá para pegar o chinelo! Porque tinham dois pitbulls! Ou seja, impossível

pegar o chinelo! Ele teve que comprar outro chinelo. Vocês me perdoam?



O chinelo voador 2

Murillo de Amorim Oliveira

Um dia eu joguei o chinelo no meu avô. Ele ficava muito bravo comigo, mas sempre ele me dava todas as coisas que eu pedia. Ele era muito legal comigo. A gente tomava sorvete, ele comprava frutas para mim, ele brincava comigo, mas eu sempre jogava o chinelo nele. Todos os dias eu fazia isso para ganhar todas as coisas que eu queria. Ele me levava para o mercadinho para comprar as coisas. Minha avó e minha mãe que me contaram isso, eu acho que eu tinha uns 5 anos, por aí. Se eu fosse o meu avô, eu colocava ele de castigo porque não pode fazer isto com os idosos. Acho que eu era uma criança bagunceira!



A história do café

Mikaeli Lopes Freire

Sim, eu confesso: fui eu que quebrou o copo da minha tia, foi sem querer, mas não foi tão sem querer assim.

Você não acha? Não é meio suspeito?

Tá, então eu vou contar.

Minha mãe falou para mim que a minha tia ia na igreja, porque todo domingo tem culto de manhã. Não é bem um “culto”, mas ok. A minha tia falou para eu descer, então eu descí. Cheguei lá e ela perguntou se eu tomei café. Eu disse que não. Quando a garrafa está cheia, eu tomo tudo. Eu esvazio a garrafa! Ela falou para eu tomar café e eu fui. Minha prima não ia na igreja, mas eu e minha não nos damos muito bem. Mesmo assim, eu gosto dela.

Então minha tia foi para a igreja. E fui tomar café de novo, porque eu gosto muito de tomar café. No terceiro copo, eu botei o copo no braço do sofá, liguei a TV e deitei no sofá.

A minha prima também deitou. Só que ela tem o costume de ficar me chutando, então eu levantei para tomar o café. Eu pedi a ela para parar, ou iria derrubar o café. Ela não parava. Então foi assim que ela chutou meu braço e o copo caiu da minha mão. Caiu no chão e quebrou.

Eu criei uma estratégia. O copo de vidro caiu no chão. A minha prima é mais nova e ela ficou assustada. Ela estava quase querendo chorar. Aí eu combinei com ela de não falar com a mãe dela. Por conta dela ser criança, na casa dela tem muito doce. Então eu fiz chantagem. Eu peguei o pano, juntei os cacos, botei lá fora escondido, coloquei escondido na escada para a minha casa.

Minha mãe perguntou o que eu trouxe no pano e eu demorei para falar para ela.

Vocês acham que fui eu agora?



A pedra no cachorro

Enzo Raphael Alves Carolino

Eu sou a criança que atingiu um cachorro com uma pedra. Mas em minha defesa, a pedra era bem pequena! Era miúda!

Nem dava para o cachorro se machucar de tão pequena que a pedra era. Eu não tive a intenção de jogar a pedra para machucar o cachorro, porque eu também gosto muito de cachorros. Eu já tive um cachorro que se chamava Beethoven. Eu gostava muito dele, mas um dia ele sumiu e nunca mais voltou para minha casa. Até hoje eu não sei o porquê dele sumir. Eu dava comida para ele todo dia! Depois desse, meu pai adotou duas cachorras. Uma que se chamava Sindy e uma que se chamava Princesa. Eu gosto muito delas e sempre que vou na casa do meu pai, brinco muito com elas.

No dia que eu atirei a pedra no cachorro, eu tinha 6 anos. Eu fui comprar pão e um cachorro latiu para mim. Eu fiquei com medo e achei que ele ia me morder. Eu estava

passando pela rua e ele ficou me seguindo bem devagar e latindo para mim. Aí eu fiquei com medo, olhei para o chão e peguei uma pedra pequena para não machucar ele.

Eu fiquei com medo de andar na rua. Foi nessa hora que eu atingi o cachorro com a pedra. Mas mesmo assim o cachorro continuou andando atrás de mim.

O dono do cachorro me falou que ele não ia me morder. Aí o dono entrou na casa dele e me deu um petisco e disse para eu dar para o cachorro. Eu dei e ele ficou feliz comigo.

Vocês me desculpam?



chutei a bola no carro

Ivo de Souza Ricarte

Há duas semanas atrás, eu fui passar o dia das crianças na casa da minha avó. Fiquei quatro dias lá. No dia das crianças, eu ganhei uma bola de futebol linda. Minha avó que me deu a bola. Aí eu fui brincar de bola com meus amigos. Aliás, sempre que eu vou para a casa da minha avó, eu brinco de uma brincadeira chamada “linha”. Para brincar, são preciso três pessoas: um no gol e dois na linha para tentar marcar o gol. Tem vez que a bola cai no telhado do vizinho. Ainda bem que o vizinho é gente boa, ele sempre fala “Pega lá”. Ele deixa a gente entrar no quintal para pegar. Quando eu fui brincar de linha, eu e mais um amigo meu estávamos na linha e meu outro amigo no gol. Aí o meu amigo que estava na linha, pediu para eu chutar a bola bem forte. Beeeeeeeem foooooorte! E eu chutei. E atrás dele tinha um carro. Ele desviou da bola e a bola acertou o carro, mas a culpa não foi

minha. Foi dele porque ele pediu para eu chutar forte. Você não acha?



Eu não tenho dinheiro!!!

Katlen Sophia Santos de Oliveira

Eu confesso que a menina que jogou areia na Jhulya fui eu. E que quase quebrou o iPhone dela também. Mas vamos à história. Um dia, na verdade, no dia das crianças de noite, eu e meus primos estávamos brincando de “base”. Tem dois escorrega lá na Bahia, aí um tem que invadir a base do outro. É uma brincadeira muito legal. Só que tem um porém, para vencer essa brincadeira, tem que jogar o outro no chão. E meu irmão, aquele atribulado, me jogou no chão e a Juju veio para me gravar. A Juju é minha prima que eu gosto muito e que eu amo de coração, que faz tudo para mim. Peguei uma mão cheia de areia e joguei nela. Peguei o iPhone da mão dela e ela veio igual um dragão, pegou o celular da minha mão e torceu meu braço com muita força. Mas eu estava com muita raiva. Meu irmão me jogou no chão e eu não queria que ninguém me visse naquela situação! Eu sei que foi errado, mas você me desculpa?



A queda da bicicleta

Rayssa Vitória Herpes Mota

Eu fui no almoço de família. Tava brincando com meus primos quando meu avô chegou na bicicleta dele. Meu avô e eu somos bem próximos. Ele já levou eu e meus primos para comer. Ele levou a gente com essa bicicleta. Estava chovendo nesse dia, mas foi bem legal. Eu e meus primos já andamos muito nessa bicicleta. Eu já caí com essa bicicleta também! Eu fui descer o morro e caí rolando. Meu avô tem essa bicicleta há anos! Já tá muito velha! Aí eu fui cumprimentar ele. Aí cheguei bem de boa e falei “Bença’, vô”. Ele estava com cerveja na bolsa. Eu coloquei a mão na bicicleta e tirei. Quando eu virei, a bicicleta caiu com ele junto. Eu ajudei ele a se levantar, mas a cerveja quebrou tudo! Eu senti muita dó. Fui ajudar minha avó a pegar os cacos de vidro. Ela falou para eu não pegar porque eu ia me machucar. Então fui até meu avô e pedi desculpa. Mas você não sabe por que ele caiu! O

negócio de sentar da bicicleta estava solto. Ele caiu por causa disso. Mas mesmo assim pedi desculpas de novo. Ele já caiu várias vezes, então fiquei mais aliviada. Ufa!



Tranquei minha irmã no banheiro

Isadora Vitória Ferreira Batista

Bom, tudo começou quando eu e minha irmã estávamos brincando. Então ela foi para o banheiro. Aí, sem pensar, fui atrás. Quando ela entrou no banheiro, tive a boa ideia de trancar a porta. Mas nem demorou muito e depois eu soltei ela. Mas eu deixei alguns minutinhos! Depois soltei ela e pedi para ela me perdoar. Ela disse que sim e eu disse que nunca mais ia trancar ela, mas para mim eu sou inocente. Porque eu não pensei direito e tranquei ela no banheiro. Foi só uma brincadeira!



Dia de salão

Luara Vitória Ferreira Batista

Eu joguei “Limpol” na cabeça da minha irmã. Não só “Limpol”, mas sal, coloral e óleo. Foi legal! Eu e a Isadora estávamos deitadas mexendo no telefone dela. Aí a nossa mãe saiu. Então cada uma de nós jogou coisas diferentes no cabelo uma da outra. A Isadora jogou creme, jogou tempero completo... um monte de coisa! Depois de jogar tudo, a gente lavou o cabelo e não caiu o cabelo de ninguém! Nós arrumamos os cabelos, enxugamos e cuidamos para nossa mãe não perceber! E foi isso!



Briga de primos

Thallysson Santos Nascimento

Ele se acha, mas eu chamei meu primo para jogar futebol. Nós fomos jogar, tiramos o time e aí começou o jogo. Dei um chapéu e mais um chapéu aí todo mundo começou rir dele e não paravam de rir. Eu fui lá e dei mais uma caneta e depois ele ficou bravo e saiu quebrando tudo. “É só uma brincadeira”, eu falei com ele. “Bora fazer outra coisa”, eu disse a ele, “Bora brincar de pique-bóia”. “Tá com você”, eu falei. Só que ele não queria aceitar. Ele não estava querendo aceitar. Aí eu falei que estava comigo, mas ele não brincou.



Queimei a janta!

Maria Lyara Camilo Rodrigues

A minha mãe falou para eu olhar o arroz e o frango que estavam no fogo para a janta. Eu queimei os dois. Eu estava no telefone. A minha irmã saiu e me deixou sozinha olhando aquela porcaria e ela foi para a casa da minha madrinha. Aí ela falou para eu olhar o frango e o arroz. A minha mãe ligou para a minha irmã e falou que não ia chegar à tempo. Deu 16:00 horas e eu não olhei. Minha irmã foi tomar banho e o arroz continuou no fogo. E o frango também. Nada da minha mãe chegar. A minha irmã foi dormir e deu 15:30. Ela acordou e foi sair com as amigas, já era 18:40. E minha mãe não tinha chegado ainda. A minha irmã chegou e foi lá na casa da minha vovó e depois deu 13:00 horas da noite. E a minha irmã ficou na casa da minha avó. A minha irmã chegou da casa dela 14:50 da noite e o arroz e o frango ainda estavam no fogo. Estava queimado e a minha irmã falou: “Você se

ferrou”. Quando a minha mãe chegou, ela me bateu e quase me fez comer aquele treco. Eu fiquei rindo. Eu acho que as horas estão todas erradas, mas é assim que eu me lembro. E a história é verdadeira, tá?



Quase matei meu irmão!

Pedro Oliveira Lemos

Bom, eu sou inocente e posso provar isto.

Eu vou te contar o que aconteceu.

Isso aconteceu há dois anos atrás. Eu e o meu irmão estávamos brincando na garagem da minha casa com o cavalinho de rodas dele. Eu empurrava ele e ele me empurrava, eu empurrava ele e ele me empurrava. Mas o meu irmão falou para mim que eu estava empurrando muito devagar, então eu empurrei um pouquinho mais forte. E aí que deu merda! Meu irmão se desequilibrou e virou para trás. Ainda bem que eu estava perto, porque eu consegui segurar ele.

Bom, você acha que eu fui inocente?

Eu acho que não... acho que fui só um pouquinho inocente!

Acho que foi um pouco de culpa minha porque ele pediu para eu empurrar um pouco mais forte, aí eu fui e

empurrei. Só que eu acho que eu empurrei um pouco forte demais. Aí que ele se desequilibrou e virou para trás. Eu fiquei bem preocupado, porque do jeito que ele virou, ele ficou. Eu pensei que ele tinha morrido!

Até hoje a minha mãe ainda não sabe disso.



Comi a lembrancinha da minha irmã

Kaiqui Ribeiro da Silva

Um dia eu comi a lembrancinha da minha irmã. Eu gosto da minha irmã. Mais ou menos. Eu brinco com ela, mas ela não quer brincar com as brincadeiras que eu quero brincar. Aí a gente briga. Às vezes ela é legal comigo. Eu também sou legal com ela. Teve até uma vez que ela deu um presente para mim. Minha mãe pediu pizza e eu comi a lembrancinha. Calma, eu vou explicar. Quando minha mãe pediu a pizza, eu fiquei feliz. Mas a pizza estava demorando muito para chegar e sem ela, eu comi a lembrancinha dela. E aí no dia seguinte ela foi olhar na geladeira e não tinha mais a lembrancinha. Ela perguntou a minha mãe e minha mãe disse que a minha irmã devia ter comido tudo. Perdão.



O dia que eu briguei

Kauã de Almeida Lopes

Foi bem assim: eu fui jogar na casa da minha avó. Meu primo, ele pegou meu celular. Eu vejo esses dois primos todos os dias. Nós brinca de futebol, de pique-esconde, de pique-bóia. Às vezes, nós joga. Teve uma vez que ele veio para cima de mim e eu bati nele. Ele veio para cima de mim porque eu peguei o brinquedo dele. Era um carrinho. Aí, ele e meu outro primo começaram a brigar porque ele ficou com raiva de eu jogar com o outro primo. Aí eu gritei bem alto para os ouvirem. Eles pararam e pediram desculpa.



O videogame é meu!

Steferson Zanoni Roseiro

Confesso: eu sou aquela criança que grita “O _____ É MEU” quando algo não acontece como eu quero. E aí, uma vez, eu desliguei o videogame no meio do jogo dos meus amigos e falei bem alto para todos ouvirem: “O VIDEOGAME É MEU!”.

Eu sei! Pareço uma pessoa péssima por isso! Afinal, que tipo de amigo é esse que não aguenta a felicidade dos outros? Péssimo amigo!

Mas eu não sou sempre assim. Para você ter uma prova disso, eu sempre levo meu videogame comigo para a casa da vovó. Lá na casa dela mora um primo que eu nem gosto muito. Ele é chato, pega minhas coisas sem pedir e fede a cavalo!

Mesmo assim, levo o videogame porque ele não tem um. Levo para a gente jogar com nossos amigos.

O problema é que ele não respeita nenhum acordo. Você gosta de gente assim?

A gente fez um acordo simples. Cada um ia escolher um jogo e jogar por um tempo. Eu escolhi um jogo e todo mundo jogou. Depois ele escolheu outro e todo mundo jogou. Escolhi de novo e depois ele. Só que era um jogo de futebol e eu não entendo nada. Nadinha. Zero! Diz ele que eu fiz tudo errado. Aí na minha vez de jogar de novo, ele tomou o controle e disse que eu era muito ruim. Tomei o controle de volta e comecei a fazer um monte de gol contra de propósito.

Sabe o que ele fez? Me bateu e pegou o controle.

O resto vocês já sabem. Eu me irritei, fui na tomada e desliguei o videogame com raiva. E falei minha frase favorita: “O VIDEOGAME É MEU!”.

Sei que é errado, mas pelo menos eu não bati em ninguém. E todo mundo sabe que eu fui injustiçado!

Você não acha que o vilão da história é meu primo?



Eu sou um anjo

Luiz Carlos Davi Colona de Assis

Tem que contar só uma? Eu matei um peixe sem querer. Com uma faca e depois taquei para os gatos. Eu nunca fiz muita coisa mau não. Eu quase cortei a cabeça do meu primo com blusa de frio. Ele ficou me provocando e eu meti a blusa na cabeça dele. Aí o zíper arranhou a cabeça dele. Tipo, ele ficou me provocando e eu fiquei com ódio. Nem lembro o que ele estava falando. Aí ele veio para cima e eu meti a blusa na cara dele. Eu não acho que foi culpa minha, mas eu queria arranhar mais! Eu falei para ele parar... é um caso bem triste!



Eu não vi ele subindo!

Cleandra Souza da Silva Santos

Um dia eu estava andando de bicicleta. Eu tinha esse costume no meu bairro de andar todo dia. Eu estava andando de bicicleta, subindo o morro e descendo. Minha bicicleta não tinha freio e eu estava descendo o morro. Eu não vi ele subindo! O Davi. A mãe dele trabalhava de vez em quando e ele ficava na minha casa. A gente brincava. Aí nesse dia, ele estava subindo o morro com a mãe dele e eu não vi. Sem querer bati a bicicleta nele. Mas como falei que não vi, depois disso eu não me arrependi, mas a culpa não é minha. Foi sem querer. E ele me viu, eu acho. Ele podia sair da frente! Foi isso.



O recreio maldito

João Pedro da Silva Góis

Uma vez no recreio, eu e meus amigos estávamos brincando de pique-bóia e a gente acabou esbarrando na coordenadora. Por isso, a gente ficou de castigo, então a coordenadora estava nos levando para onde espera. O recreio era fechado. Só no final que abriram o portão. Só que nisso, o portão abriu. Então eu saí andando, só que eu não podia porque estava de castigo. Aí na hora que a coordenadora viu, eu estava na quadra. Ela me confundiu com outra criança, então essa criança foi para a diretoria. Eu ainda era criança, então a culpa não era minha. E sim da escola por não deixar a gente brincar no recreio. Então nem adianta brigar comigo!



Eu matei 3 peixes

Crislayne Pereira Santos Guimarães

Eu confesso, eu matei 3 peixes sim. Mas eu vou provar que sou inocente. Eu não se sou muuuuuuuito inocente.

Então, às vezes quando alguma pessoa me pede para fazer algo que eu nunca fiz, ou eu pergunto como faz, ou eu faço como eu acho. Então, um lindo dia, minha mãe me levou em Campo Grande e lá nós compramos três peixes. Eu e minha família estávamos cuidando muito bem deles.

Até que um dia, minha mãe e meu pai pediram para eu limpar o aquário. Eu fui, né? Só que nesse dia estava muito calor, aí eu liguei a água e ainda estava fria. Então eu botei no pote e botei os peixes. Depois de lavar o aquário, a água estava mó quente, mas eu não estava nem aí. Coloquei água no aquário e depois botei os peixes. Não sei quanto tempo passou, mas depois os peixes morreram.

A minha inocência é que eu não sabia. Não sabia que eles morriam com água quentinha, sabe? E é isso.



Uma carta para o futuro

Talvez um dia, algum de vocês olhe para esse livrinho e pense: “UAU! Eu sei escrever uma história!”. E isso é tudo o que eu gostaria de deixar para vocês. Porque ninguém pode contar as histórias de vocês.

Vivam e contem as próprias histórias. Porque em algum momento vocês vão se dar conta que tudo o que as pessoas lembram de nós são nossas histórias.

E eu quero que vocês sejam lembrados e conhecidos por boas histórias, por terem vivido a vida de uma maneira linda e brilhante.

Eu agradeço muito, meu querido 5º ano B, por esse ano que não passou. Ele voou! E tivemos realmente ótimos momentos, ótimas experiências. Esse livro é apenas um pequeno momento da brilhanteza de vocês! Se um dia qualquer um de vocês tiver a menor dúvida do potencial próprio, lembre-se que um dia, ainda pequeno, você escreveu uma história boa o suficiente para estar em um

livro. Lembre-se que você é uma pessoa que já venceu muito na vida.

Esse é, então, um livro-carta-para-o-futuro.

E eu espero que essa carta lhe faça muito bem.

Se pensar que isso não é muito, lembre-se que todos nós fazemos arte, fazemos coisas erradas e engraçadas em algum momento da vida. E está tudo bem. Estamos vivos e isso é importante. Estamos vivos para aprender! Lembrem-se que ninguém aprende sem errar!

Mudando a ordem das coisas, esse é um livro escrito no hoje, em 2023, contando histórias de um passado (curtinho) da vida de vocês, mas almejando que, lá na frente, vocês crianças darão ao mundo a arte de ser ingovernável!

Um grande abraço,
Tio Steferson.

